

## APRESENTAÇÃO DO VOLUME

“Museu de Tudo” é um nome que evoca a obra de João Cabral de Melo Neto. O autor sem nenhum tipo de embaraço define a obra como um “depósito do que aí está”. A definição cabralina, longe de evocar uma ideia pejorativa, na verdade lança luz sobre objetos artístico-científicos que habitam um mesmo *locus*. Tal concepção espacial já se apresentava à cultura ocidental em seus gregos primórdios. Ao voltarmos um pouco na história da cultura do Ocidente, nos deparamos com este *locus* privilegiado: o Museu. A forma latina dessa palavra provém de μουσεῖον, o santuário dedicado às Musas gregas, deusas protetoras das artes. Neste espaço todas as artes eram reunidas e continuamente celebradas. Não seria prudente, entretanto, qualificar esse lugar de excelência como um armazém de velharias. Na verdade, ao pensarmos assim, perdemos de vista a maior glória de um Museu: a sua vitória sobre o tempo. Semelhantemente a esse *locus*, este volume tenta também, na medida do possível, vencer o tempo em sua pior manifestação, a do esquecimento. Dessa forma, regressamos então à origem das artes, a seu estado nascente, à deusa Memória *de quem as Musas provieram* (ἐξ ἧς οἱ Μοῦσαι χρυσάμπυκες ἐξεγένοντο. Hesíodo, Theog. v. 916).

Neste volume, o fluxo editorial do **Museu de Tudo 3: tema livre**, que aqui apresentamos, impôs aos editores uma dificuldade não menos desafiadora do que a luta contra o esquecimento proposto por essa coleção. A dinâmica das chegadas dos artigos em uma chamada tão ampla exige uma organização posterior que tenta arduamente reordenar o fortuito em uma única espacialidade. Nesse sentido, a temporalidade aberta das submissões demanda uma disposição interna que coadune os artigos como peças orgânicas de um todo maior. Seguindo então Aristóteles, tomamos como imperativo o conselho do filósofo de que *aquilo que é composto por partes é preciso não só possuir partes ordenadas, mas também uma magnitude disposta não por acaso. O belo, de fato, reside na magnitude e na ordem.* ὁ συνέστηκεν ἐκ τινῶν οὐ μόνον ταῦτα τεταγμένα δεῖ ἔχειν ἀλλὰ καὶ μέγεθος ὑπάρχειν μὴ τὸ τυχόν· τὸ γὰρ καλὸν ἐν μεγέθει καὶ τάξει ἐστίν, Poet. 1450b35-ss). Tal como em uma biblioteca em que os livros são organizados em prateleiras de acordo com temas, autores, ano, essa configuração agora disponível ao leitor procura fornecer o mínimo de uma ordenação com alguma lógica diante da quantidade e variedade de artigos submetidos.

Dessa forma, abrimos o volume, nesta primeira prateleira, com uma série de artigos voltados à crítica literária. Nesta prateleira, figura o artigo ASPECTOS DO FEMINISMO EM FEMINIDADES E UN TEMA VIEJO DE ALFONSINA STORNI, de autoria de Cristiane de Mesquita Alves. Nele, a autora propõe repensar o feminismo presente na obra de Alfonsina

Storni à luz de diversas teorias que fornecem uma base teórica “*em relação à emancipação da mulher e do papel feminino diante do patriarcado*”. Em seguida, através do conceito de *nova sinceridade*, cunhado por Adam Kelly, o autor Kleber Kurowsky, em seu artigo O QUE É NOVO É VELHO: RECONSIDERANDO ADAM KELLY E A NOVA SINCERIDADE NA FORTUNA CRÍTICA DE DAVID FOSTER WALLACE, analisa no autor e em diversas outras obras como o conceito de nova sinceridade foi aplicado na obra do escritor, os seus desdobramentos e o que se pode esperar de estudos wallaceanos vindouros. Ao lado, Vera Baztazin e Cristiane Corsini Lourenção, autoras do artigo MUSEU DO ROMANCE DA ETERNA: MACEDONIO FERNÁNDEZ E A ESCRITA DA AUSÊNCIA, indagam sobre “*a potência da “escrita da ausência” no romance Museu do Romance da Eterna (2010), do escritor argentino Macedonio Fernández, considerando os aspectos materiais da escrita manifestas na arte do escritor como uma negação do gênero romanesco*”. Na sequência, empregando o conceito de retrotopia, desenvolvido por Baumann, Marcelo Fernando de Lima e Patrícia Marcondes de Barros, no artigo EM BUSCA DA TRADIÇÃO PERDIDA: A UTOPIA DO PASSADO EM SOUMISSION, DE MICHEL HOUELLEBECQ, problematizam na obra Soumission uma relação dialógica “*com a literatura distópica contemporânea, que revela uma sensação de esgotamento diante do liberalismo secular*”. Neste panorama, a religião e os valores patriarcais figuram como pano de fundo na análise da narrativa. Por fim, o artigo “UM VITELO DE DUAS CABEÇAS”: O SIMBOLISMO SOB O JULGAMENTO CRÍTICO DE JOSÉ VERÍSSIMO E JOSÉ EUSTÁQUIO DE AZEVEDO, de José Francisco da Silva Queiroz, investiga, contrastando os autores, “*o substrato filosófico adotado por José Veríssimo e José Eustáquio de Azevedo no processo de recepção da estética simbolista*”, fundamentando a sua análise em resenhas de periódicos e primeiras edições publicadas à época. Servem como base teórica para a análise da obra os conceitos do positivista Auguste Comte e outros disseminadores dela.

Na prateleira seguinte, figuram artigos que exercem a crítica literária em contextos históricos precisos. No período pós-ditatorial argentino, Maria Rosa Duarte de Oliveira e Priscila Simeão Silva Maduro, por meio de conceitos como arquivo e anarquivamento, desvendam na obra *O espírito dos meus pais continua a subir na chuva*, do argentino Patricio Pron, as possibilidades de “*documentos que não se oferecem apenas para ser interpretados, senão para serem experimentados e ressignificados*”. Com isso, demonstram como o “*contramovimento ao arquivo, que abala o desenvolvimento falsamente natural das narrativas, revela os discursos reprimidos e calados pela história oficial*”. Em outro contexto, no das lutas pela independência das ex-colônias portuguesas após a Revolução dos Cravos, Jair Zandoná em ONDE ESTÃO AS CHAVES DE CASA? FISSURAS E (DES)ENCONTROS DE QUEM REGRESSA, aborda nas

obras *Os cus de Judas*, de António Lobo Antunes, *Cadernos de memórias coloniais*, de Isabela Figueiredo e *A visão das plantas* (2021), de Djaimilia Pereira de Almeida, “*outros modos de narrar a experiência limite daqueles que retornaram (...) como contranarrativas do discurso oficial*”. Por fim, retornando à América Latina, Alfredo Cordiviola trata da Guerra do Paraguai no artigo VISTAS DO FRONT: IMAGENS E TEXTOS DA GUERRA DO PARAGUAI. O autor tem por finalidade, através de produção textual e iconográfica da época, em livros, jornais e pinturas, desvendar as “*representações históricas que, na época e nas décadas seguintes, povoaram o imaginário nacional dos vencedores e dos vencidos*”.

Na estante vizinha, figuram artigos que possuem um *corpus* variado sobretudo. O artigo UM MAR DE SENTIDO NUM MAR DA LITERATURA CABO-VERDIANA, de Guilherme Oliveira, explora os sentidos de um elemento natural comum a várias manifestações artísticas, o mar. Nele, o autor desvenda o simbolismo do elemento em “*excertos de obras de autores como Baltasar Lopes, Manuel Lopes, Jorge Barbosa, Teixeira de Sousa, passando por outros das gerações do Suplemento Cultural e dos Novíssimos*”, além de “*outras áreas da atividade humana e cabo-verdiana, como a gastronomia, a música, o folclorismo*”. Dois autores, Willians Alves da Silva e Fábio Leonardo Castelo Branco Brito, assinam a autoria do artigo “EFÍGIE QUE QUEIMA”: UMA ANÁLISE HISTÓRICA DE JOÃO SUASSUNA NA VIDA E OBRA DE ARIANO SUASSUNA. Nele, os autores investigam como “*um acontecimento histórico e traumático*”, a morte de pai do escritor, foi “*responsável por moldar os comportamentos, as práticas, as defesas e as vivências do paraibano Ariano Vilar Suassuna. O corpus é composto por entrevistas, discursos da Academia Brasileira de Letras (ABL) e fontes jornalísticas*”. Em BRUTA AVENTURA EM VERSOS OU ANA CRISTINA CESAR À LUZ DOS SPOTS: PERSONAE EM DIÁLOGO, Elaine Cristina Cintra e Brenda Pontes observam e discutem “*as relações entre o documentário Bruta aventura em versos, de Letícia Simões (2011) e a poesia e crítica de Ana Cristina Cesar, buscando interpretar como se relacionam as múltiplas vozes presentes no documentário com a voz de Cesar*”. A partir da definição do gênero documentário, analisaram “*a construção da persona crítica, além da persona poética presentes em Cesar, ambas evocadas no filme*”. Por fim, o artigo A FILOSOFIA DO PROGRESSO E O DEVIR DA HISTÓRIA: ANTECEDENTES MÍTICOS EM O NARRADOR, DE WALTER BENJAMIN, de João Batista Pereira, discorre “*sobre a influência do mito na elaboração do ensaio “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, de Walter Benjamin*”. Tendo como ponto de partida da análise o fato de que “*o declínio dos relatos orais é atribuído ao advento da modernidade, o autor conjectura que essa afirmação tem antecedentes míticos, relacionados a dois pressupostos: aos princípios materialistas, conforme foi indicado por Michael Löwy (2020),*

*e à Lebensphilosophie, condicionada ao que foi preconizado por Ludwig Klages (1929)”.*

Na última prateleira, os artigos estão voltados a problemáticas da educação. Abrindo essa sessão, Fernando Teixeira Luiz, em seu artigo POR QUE (NÃO) ASSISTIR AO DESENHO ANIMADO NA ESCOLA?, questiona “*acerca da potencialidade do desenho animado em sala de aula, concebendo-o como mídia marcada por aspectos estéticos, lúdicos e ideológicos*”. Com base na investigação, o autor percebe “*que as séries e o cinema de animação absorvem fórmulas e modelos, evidenciando, com certa incidência, a repetição da estrutura narrativa, como também dos diversos artifícios que integram sua composição audiovisual (como o videoclipe, o traço estilizado e as referências à cultura pop)*”. Encerrando o volume, três autores, Caroline Carvalho, Jean Carlos Gonçalves e Carla Carvalho, discorrem sobre a formação estética na primeira infância, em diálogo com a obra literária *Tombo do Lombo*, escrita e ilustrada por André Neves. Como base teórica, foram empregadas as obras PEBA – Pesquisa Educacional Baseada em Arte, além da “*Análise Dialógica do Discurso, perspectiva que tem nos estudos de Bakhtin e o Círculo sua principal ancoragem teórico-metodológica*”. Como resultados, foi possível “*identificar as potencialidades da formação estética e cultural do bebê, na relação com o ambiente, com seus familiares e com a escola*”.

O volume **Museu de Tudo 3**, sob a perspectiva dos mais variados temas aqui apresentados, perfaz um movimento na tentativa de espacializar as temporalidades dispersas da produção científica. Semelhante a bibliotecários, acreditamos que dispusemos esta miríade de objetos científicos em prateleiras adequadas e, com isso, conseguimos dispor um conjunto de saberes ao público interessado. A revista Graphos agradece autores, avaliadores e futuros leitores, dando continuidade a seu propósito inabalável, a divulgação científica.

Juliana Henriques de Luna Freire  
Marco Valério Classe Colonnelli  
(Editores do volume)